

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *A Crítica*

Class.:

Data: 31.03.92

Pg.:

Lacombe nega na CPI que Paranapanema mata índios

Oriando Farias

O diretor-presidente do grupo Paranapanema, Otávio Lacombe, disse ontem em seu depoimento à CPI da Mineração, na Assembléia Legislativa, que as operações de suas empresas na região jamais foram anti-índigenas. "Dizem que matamos índios mas eles sempre me oferecem uma paca quando os visito e temos uma confraternização total".

A declaração foi feita em resposta a denúncia apresentada ontem pelo padre Egidio Schwade, ligado ao Partido dos Trabalhadores e ao Conselho Indigenista Missionário, de que antes da chegada da mineradora Taboca, uma das empresas da holding Paranapanema, existiam no Pitinga nove aldeias dos índios Waimiri-Atroari.

Schwade sustentou sua denúncia a partir de uma aerofotografia produzida pelo padre italiano Giovane Calleri, alguns meses antes de ser morto pelos mesmos índios, por motivos até hoje não inteiramente revelados. As nove malocas teriam sido arrasadas por bombardeio de autoria desconhecida. Os sobreviventes do massacre teriam se refugiado em áreas distantes do Pitinga.

Segundo Otávio Lacombe, "quando chegamos ao Pitinga em 1978, não existia nenhuma aldeia nem rastro de índios e hoje a maloca dos Waimiri-Atroari mais próxima da estrada de acesso à mina fica a 30 km de distância". O mega-empresário da mineração, que ano passado extraiu somente do Pitinga 16 mil toneladas de cassiterita (estanho) a um preço no mercado internacional de 5,6 mil dólares por tonelada, exibiu como um troféu o abraço que acabou de ganhar do chefe indígena tucano, Benedito Machado, presente como convidado à CPI da Questão Mineral. O líder tucano de Pari-Cachoeira III, no Alto Rio Negro, explicou posteriormente que falou com o empresário sobre uma carta de condolências pela morte do coronel Dorneles, diretor da taboca, há cerca de dois anos, que fez questão de enviar.

O empresário atestou que "os próprios índios entenderam que a Paranapanema só queria o seu bem e deixaram de se envenenar por gente que se aproveitava deles". O padre Egidio Schwade não deixou por me-

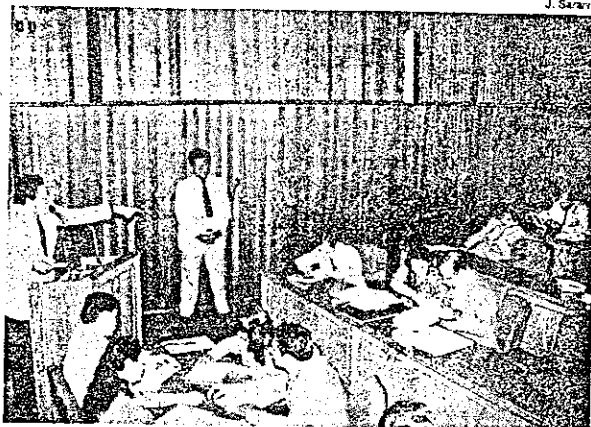
nos também a nomeação do coronel Roberto Guarany para um cargo de direção da mineradora Taboca, por se tratar de um oficial citado duas vezes no livro "Brasil Nunca Mais", editado pela Arquidiocese de São Paulo e Editora Vozes, como suposto torturador de presos políticos. Por causa desse motivo, Guarany teve a sua nomeação em janeiro do ano passado. Lacombe discorda também dessa ponderação porque um coronel é, na verdade, segundo garante, um remanescente dos índios Guarany e um dos oficiais das Forças Armadas com mais domínio sobre a realidade da Amazônia.

Pitinga — Ocupando uma área de 614.000 hectares na região do Pitinga, a mina da empresa Taboca prepara-se para dar um salto nos próximos anos, segundo Lacombe, e começar a produção de minérios nobres associados ao estanho, como a zirconita, eriolita e tantalita. O investimento inicial para a implantação de uma infra-estrutura mecanizada envolve recursos de US\$ 250 milhões. O diretor-presidente da Paranapanema procurou tranquilizar os ecologistas de algum impacto sobre o meio-ambiente, garantindo que o projeto está aprovado pelo Conselho de Energia Nuclear da

Presidência da República e Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM).

Contendo radiatividade ainda que de baixo teor, os minérios nobres, na visão do pesquisador Ademir Ramos, do Centro de Ciências Ambientais da Universidade do Amazonas, podem provocar a contaminação de muitos cursos de água e lençóis subterrâneos caso não sejam adotadas medidas rigorosas de controle em sua exploração.

Outro ponto esclarecido pelo diretor da Paranapanema foi sobre a pavimentação da BR-174 (Manaus-Boa Vista) até o Km 170, na altura da vicinal de acesso ao Pitinga. O asfaltamento está sendo executado pela construtora Paranapanema, do mesmo grupo e segundo Otávio Lacombe, não consistiria em favorecimento do governo, que liberou Cr\$ 32 bilhões para a obra, ao grupo que lidera. Além de lembrar da função de escoamento que teria para os produtos da Zona Franca de Manaus, Lacombe lembrou também que a sua construtora passou "sete anos conservando a estrada sem um recurso sequer do governo federal e o asfaltamento, já iniciado, só não será total aos seus 250 Km por falta de verbas".



O minerador Lacombe e o chefe indígena Benedito Machado